

Por quê alguns na esquerda condenam as Jornadas de Junho de 2013?

Sean Purdy, Professor Doutor, Departamento de História, Universidade de São Paulo

GT 01 - Sessão 03: Protestos no Brasil contemporâneo (12/07/18 - 09:00 às 12:00)

Essa comunicação visa explorar os argumentos de alguns na esquerda que têm condenado as chamadas Jornadas de Junho de 2013. Em junho de 2013, o Movimento Passe Livre (MPL) em São Paulo liderou um movimento contra o aumento da tarifa de transporte público na cidade. O movimento de jovens trabalhadores e estudantes rapidamente espalhou-se pelas grandes cidades do país, juntando, no ápice, milhões de pessoas em manifestações de rua. Governos municipais e estaduais de todo o país foram forçados a revogar os aumentos e, em reação, o governo federal prometeu uma série de amplas reformas para melhorar a mobilidade urbana e os serviços públicos. As promessas não foram cumpridas e uma onda conservadora consolidou-se no país, culminando no golpe parlamentar de Estado consumado com o impeachment da Presidente Dilma Rousseff em 2016. Desde o início, porém, houve críticas de intelectuais, militantes e líderes de partidos políticos, especialmente, mas não exclusivamente, do Partido dos Trabalhadores (PT). De fato, em 2017 e 2018, lideranças do PT como Fernando Haddad e Lula repetiram o argumento segundo o qual as Jornadas de Junho iniciaram a onda conservadora no país. Baseado numa abordagem marxista crítica, uma leitura ampla sobre os movimentos sociais e o PT na literatura social científica e um estudo empírico das Jornadas de Junho, acreditamos que essas críticas são equivocadas por vários motivos: 1) vêm de uma noção de políticas progressistas “de cima”, isto é, uma formulação e uma atuação políticas da esquerda desligada da base de classe trabalhadora e dos movimentos sociais. Por isso, esses críticos têm chamado os jovens manifestantes de 2013 de “ingratos” por não terem se mostrado satisfeitos com todos os supostos avanços dos governos do PT nos anos 2000. Ou, de uma maneira semelhante, acreditam que as Jornadas foram meramente impulsionadas, de forma superficial, pelas redes sociais. Esses argumentos mostram um profundo desconhecimento de movimentos sociais no período neoliberal; 2) faltam entender as mudanças na própria estrutura da classe trabalhadora nas últimas décadas com o aumento súbito de trabalhadores precarizados, além de desprezarem as crescentes expectativas criadas pelos modestos avanços durante os governos do PT; 3) desprezam

o surgimento de outras lutas antes, durante e depois de Junho de 2013, tais como o número recorde de greves no país em 2013-2014 e a atuação do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST); 4) ignoram os limites do modelo de desenvolvimento econômico do PT que reagiu à crise econômica global através de políticas de austeridade; 5) negligenciam também as consequências das alianças ruins com partidos do centro e de direita que comprometeram políticas contra a opressão e avançaram políticas conservadoras nas áreas de segurança pública e de policiamento; 6) localizam equivocadamente a natureza e o “timing” da onda conservadora, falsamente conectando-as às Jornadas de Junho e negligenciando a importância das próprias políticas dos governos do PT em alimentar a onda conservadora.

“Junho de 2013: os 20 centavos mais caros da história brasileira”?

Enquanto militantes individuais do PT e a Juventude do partido em São Paulo participaram de/ou apoiaram as manifestações lideradas pelo MPL em junho de 2013, vários vereadores do PT na Câmara Municipal e, mais tarde, figuras-chaves no PT, condenaram os atos como baderna violenta e questionaram a legitimidade do movimento (Zanchetta, 2013; Judensnaider et. al. 2013, pp.55-64; Pinheiro, 2013; Bergamo, 2013).¹ Um influente jornalista petista, Paulo Henrique Amorim, tachou os atos como um “golpe” liderado pela Rede Globo (Amorim, 2013). A intelectual associada com o PT, Marilena Chauí, teve (em geral) uma análise bem mais sóbria e refletiva, mas faltou distinguir entre o movimento da esquerda que conseguiu revogar o aumento da tarifa e levantou pautas progressistas e os com uma pauta conservadora – de anticorrupção e de anti-partido político, especialmente contra o PT – que surgiram no fim do ciclo das manifestações em junho (Chauí, 2013a; Chauí, 2013b). Em abril de 2018, o professor Igor Fuser da Universidade Federal do ABC e intelectual do PT, escreveu a seguinte postagem no seu Facebook “Junho de 2013: os 20 centavos mais caros da história brasileira” e nos comentários defendeu o argumento de que as Jornadas de Junho resultaram no impeachment da Presidente Dilma e os retrocessos do governo Temer (Fuser, 2018).

As críticas das Jornadas de Junho por importantes quadras do PT continuaram nos anos seguintes. Em janeiro de 2014, Gilberto Carvalho, chefe de gabinete do ex-presidente Lula, ministro do governo Dilma e suposto interlocutor da última com os movimentos

¹ É claro que políticos da direita e a mídia corporativa também foram duros com os manifestantes.

de esquerda, tachou os manifestantes de “quase ingratos”: “Quando acontecem as manifestações de junho, da nossa parte houve um susto. Nós ficamos perplexos. Quando falo nós, é o governo e também todos os nossos movimentos tradicionais. (Houve) uma certa dor, uma incompreensão e quase um sentimento de ingratidão. (Foi como) dizer: fizemos tanto por essa gente e agora eles se levantam contra nós” (Carvalho, 2014).

Em agosto de 2017, ex-presidente Lula expressou: “Nós nos precipitamos ao achar que 2013 foi uma coisa democrática. Que o povo foi para a rua porque estava muito preocupado com aquela coisa do transporte coletivo” (Da Silva, 2017). Em março de 2018, sugeriu que as Jornadas de Junho tivessem sido planejadas nos Estados Unidos (sem citar de quem exatamente, porém) (Da Silva, 2018). Em junho de 2017, Fernando Haddad, ex-ministro do governo Lula e então prefeito de São Paulo durante as Jornadas, disse que o golpe contra ex-presidente Dilma Rousseff em 2016 dificilmente teria ocorrido se não fossem as Jornadas de Junho, apontando nebulosas “grandes empresas” manipulando as redes sociais e “possíveis patrocinadores infiltrados” nos protestos (Haddad, 2017).

Os equívocos do argumento que as Jornadas de Junho era antidemocráticos, da direita, planejados pelos Estados Unidos e resultaram no golpe da Presidente Dilma em 2016 e os retrocessos do governo Temer.

1) Reformismo de cima e socialismo de baixo

Na base dos argumentos contra as Jornadas de Junho é a noção que movimentos sociais não devem operar independentemente e autonomamente de um governo progressista como o PT. “Deixa em nossas mãos e vamos fazer tudo (ou o que conseguimos) para vocês” descreve a atitude do tipo de política esquerdista construído pelo PT. Já nos anos 1990, os núcleos de base dentro do PT – que tiveram algum papel importante em formular políticas do partido – ficaram cada vez mais moribundos (Secco, 2011, Caps.2-3) De um partido de militantes baseados nos núcleos, o PT foi gradualmente transformado num partido de políticos profissionais com interesses mais ligados às políticas eleitorais e a burocracia partidária que lutas de base (Purdy, 2017b). Nos governos do PT, os movimentos sociais e o movimento sindical foram almeçados por sua relação estreita com o governo. O PT seguia políticas reformistas “de cima”, isto é, uma formulação e uma atuação de políticas da esquerda desligada da base de classe trabalhadora e dos movimentos sociais (entre muitos outros textos ver Secco, 2011;

Braga, 2012; Singer, 2012; Saad-Filho, 2014; Antunes; Silva, 2012; Loureiro, 2015; Purdy 2017b).

Mas o movimento de junho foi um legítimo movimento social, composto por universitários e jovens trabalhadores, que mobilizou, primariamente, contra o aumento da tarifa de transporte público. E depois das primeiras manifestações contra o aumento da tarifa, os manifestantes expandiram suas demandas, mas foram, na maioria, demandas progressistas e de luta de classe. Bandeiras, cartazes e entrevistas com manifestantes destacaram reivindicações relacionados com o direito de livre assembleia e expressão, para o fim de violência e racismo da polícia, para melhorias em serviços públicos e contra o monopólio da mídia corporativa (Chalk, 2013; Gaffney, 2014; Romero e Nueman, 2013). Mesmo depois das revogações dos aumentos no dia 19 de junho, uma pesquisa do Ibope no dia 20 de junho de 2013 – o dia em que manifestantes celebraram a vitória – feita em capitais de sete estados (SP, RJ, MG, RS, PE, CE, BA) e em Brasília, mostra que 37% participaram contra o aumento das tarifas; 12,1% para melhorias na Saúde Pública; 5,5% contra a PEC 37; 5,3% para melhorias em Educação; 4,5% contra a Copa do Mundo/Das Confederações; 1,3% contra a ação violenta da polícia e 1,3% para melhorias na Justiça/Segurança Pública. 29,9% manifestaram primariamente por causa de “ambiente política”, incluindo 24,2% contra “corrupção/desvio de dinheiro público” que pode ser indicação de intervenções de ativistas da direita (mas não necessariamente todas as pessoas). É verdade que um grupo pequeno de ativistas da direita já tinha participado das manifestações a partir do dia 17 de junho (o quinto grande ato do MPL. Ver Judensnaider, 2013, pp.151-173), mas até o dia 20 de junho, depois da vitória contra o aumento, a grande maioria dos manifestantes estavam na rua a favor de uma pauta progressista.

Outro argumento equivocado levantado por críticas das Jornadas é que foram meramente impulsionadas, de forma superficial, pelas redes sociais. O papel das redes sociais – um assunto que estava muito em moda na época - foi exagerado e ligado à noção analisado em cima sobre o papel de movimentos sociais: os manifestantes eram ignorantes e só saíram nas ruas por causa de Facebook ou Twitter. Como Lula simplisticamente falou: “Com dedos ágeis nos seus celulares, a juventude foi pra rua no mundo inteiro para protestar, conectados por redes sociais” (Da Silva, 2013). O cientista social Luiz Werneck Vianna (2013: p.9) opinou: “Além da social mídia, o povo não está

organizado”. Sem dúvida, o uso da Internet e redes sociais para debater estratégia e tática e divulgar atos foi importante e deve ser estudado mais (Silveira, Braga, and Penteado, 2014). Porém, é determinismo tecnológico extremo dizer que milhões se mobilizaram simplesmente por causa de participação em redes sociais. Esse foi refletido no jornalismo desleixado do *The Guardian* (Watts, 2013) e *The Economist* (2013), por exemplo, que relataram que manifestantes carregaram cartazes com o slogan “Saímos de Facebook” que foi traduzido incorretamente nestas publicações como “Nós viemos de Facebook”. É um exemplo relativamente pequeno, mas demonstra a ignorância e/ou distorção de questões materiais em análises de movimentos sociais.

A incredulidade de líderes do PT, sinalizado em cima por Gilberto Carvalho e Haddad, quando as Jornadas restauram, mostram que a possibilidade de um movimento em massa criticar o governo do PT simplesmente não foi contemplada. Por isso, esses críticos têm chamado os jovens manifestantes de 2013 de “ingratos” por não terem se mostrado satisfeitos com todos os avanços dos governos do PT nos anos 2000. Os líderes do PT não conseguem entender que as Jornadas enfrentaram todo o establishment, o que incluía o seu partido. O petismo não consegue compreender um movimento de massas que sai de seu controle e que questiona as bases de seu fundamento. A lógica deles é binária: “se sai de nosso controle, é de direita”.

2) Mudanças na estrutura de classe e as crescentes expectativas da população

Destacaremos aqui brevemente o surgimento do descontentamento dos trabalhadores, em especial, os trabalhadores precários, com os limites do modelo de desenvolvimento outrora dirigido pelo PT. A crise atual não pode ser compreendida sem levarmos em consideração o descontentamento do jovem precariado urbano manifestando-se nas ruas. Os modestos avanços em emprego, renda e programas sociais durante os governos de Lula no contexto de um mercado mundial muito favorável (temporariamente) às exportações brasileiras significativamente aumentou expectativas entre a população brasileira. Como Saad-Filho argumentou: “[...] os pobres querem consumir mais, massas maiores de pessoas querem inclusão social e os dois querem serviços públicos melhores (Saad-Filho, 2013: 662; ver também Purdy, 2017a).

Enquanto os governos de Lula criaram mais de 2 milhões de empregos por ano entre 2003 e 2010, 94% desses só pagavam até um salário mínimo e meio (Pochmann, 2012: 32). E a criação de emprego já começou a piorar em 2009: desse ano até 2012, o tempo médio em emprego caiu de 18 a 16 meses, mostrando a deterioração em condições de trabalho (Pochmann, 2012). Rotatividade de emprego também era muito alto: em 2012, 45% de recém-contratados trabalhadores saíram dos seus empregos dentro de 6 meses (Redação RBA, 2015). Além disso, como Ruy Braga (2014a: 40) mostrou, o período entre 2003 e 2010 foi “marcado por crescimento econômico e a formalização de emprego, mas a atual taxa de informalidade ainda é 44%”. Enquanto o governo amplamente divulgou que tinha trazido dezenas de milhões de brasileiros dentro da classe média, o economista Marcio Pochmann mostrou que é mito: o enfraquecimento de indústria básica que providencia relativamente altos salários e benefícios e a expansão massiva de terceirização, na verdade, reduziu a classe média. Ele enfatiza que não houve nenhuma mudança fundamental na estrutura de classe no sec.21 (Pochmann, 2014; see also Antunes and Druck, 2014; Singer, 2012; Souza, 2010). De fato, o foco singular na indústria agronegócio, a criação de empregos precários e a dependência em políticas financeiras neoliberais deixaria Brasil particularmente vulnerável à crise econômica mundial.

Houve reformas modestas e algumas melhorias em serviços públicos na área de educação, saúde e moradia, mas não atingiram as expectativas da maioria dos brasileiros. Gastos em educação e saúde eram inadequados comparados com países desenvolvidos e até alguns países em desenvolvimento entre os BRICS (Almeida, 2014; Gragnolati, Lindelow, and Couttolenc, 2013). A Minha Casa, Minha Vida lançado pelo governo Lula em 2009 teve muito modesto sucesso, mas nem por longe resolveu o déficit em moradia decente. Além do mais, foi muito benéfico para construtores que retêm controle sobre muitos aspectos do programa (Rolnik, 2014: 223–290). Um efeito colateral desse programa, combinado com a alta taxa de juros, foi a criação de bolha especulativa em mercados urbanos de imóveis com preços de casas e aluguel aumentando muito mais que aumentos em renda e o custo de construção (Ibid: 245–248).

Mais importante em relação às Jornadas de Junho foram as discrepâncias enormes em mobilidade urbana – não só a disponibilidade formal ao transporte público na cidade,

mas também seu custo e qualidade. O aumento em renda entre os mais pobres e crescentes vendas de carros não foram acompanhados por melhorias em infraestrutura urbana, resultando numa deterioração geral da qualidade da vida urbana (Saad-Filho, 2013: 661; Castelar, 2014). Segundo IPEA, de 2000 a 2012, o custo de transporte no Brasil como um todo aumentou 67% em cima da inflação (IPEA, 2013). Tomando em conta salários médios, os sistemas de transporte público em São Paulo e no Rio são entre os mais caros do mundo (Dana and Siqueira, 2013). Não é surpresa, então, que o argumento para “o direito à cidade” nas Jornadas atraiu apoio amplo entre a classe trabalhadora, especialmente jovens trabalhadores das periferias das grandes cidades (Singer, 2015: 9–10; também ver, Singer, 2013).

3) Junho e a onda de greves 2012-2014

Seria útil colocar as Jornadas de Junho de 2013 dentro de um ciclo mais amplo de protesto e greves que começou antes e só terminou em 2014. Desde 2008, o número de greves no país começou a aumentar, atingindo níveis recordes em 2013 com mais greves que em qualquer ano desde 1978 (DIEESE, 2015b: 2). De acordo com Ruy Braga (2012: 96), muitos dos grevistas de 2010-2012 eram “trabalhadores de mão de obra semi- ou não qualificada que entraram e saíram do mercado de trabalho, jovens trabalhadores nos seus primeiros empregos e trabalhadores que recentemente tinham saído do mercado informal”. De fato, houve um marcado aumento em greves de trabalhadores precarizados no setor público e privado com pouca tradição de greves (Braga 2016). Aumentos salariais em 2014 até ultrapassaram os níveis de 2013, com aumentos em médio de 1,4 em cima de inflação (DIEESE, 2015a: 2).

Também, não podemos esquecer as atividades do MST de 2012-2014 (Boulos, 2014), as mobilizações de funcionários públicos, especialmente de professores nesse período (que levantaram bandeiras semelhantes a do Junho), a greve de garis no Rio de Janeiro em março de 2014, as mobilizações contra a Copa das Confederações e a Copa do Mundo, e os protestos semelhantes em massa em outros países (Purdy 2017a; Mattos 2015; Gaffney 2014).

4) Austeridade e neoliberalismo do governo Dilma

No 24 de junho de 2013, a Presidente Dilma se reuniu com 27 governadores e 26 prefeitos das capitais, propondo um 5 “pactos sociais” envolvendo saúde, educação, transporte público, reforma política e responsabilidade fiscal. Enquanto as manifestações abaixaram na segunda metade de 2013, porém, o governo Dilma arquivou todos os pactos menos o último, o da fiscal responsabilidade. Na campanha para reeleição em 2014, o PT prometeu manter gastos sociais e criação de desemprego, mas logo depois de começar seu segundo mandato, Dilma seguiu políticas neoliberais de austeridade.

A partir de 2013, frente à crise internacional, os principais representantes de capitalismo brasileiro, liderados por bancos, começaram a reivindicar mais austeridade (Singer 2016). Da sua perspectiva era necessário aprofundar os ajustes fiscais, aumentar desemprego e conter o ciclo de greves para impor uma série de reformas impopulares como cortes aos programas sociais e aos direitos trabalhistas. No início do seu segundo mandato, traíndo as promessas feitas durante a campanha eleitoral, o governo Dilma fez o que os capitalistas pediram – privatização, cortes aos gastos públicos, e o começo de desregulamentação de terceirização e reduções de direitos trabalhistas e sociais (Purdy 2015; Rugitsky 2015). Essa agenda neoliberal não satisfez setor algum da população, alimentando o desejo da classe dominante e seus aliados na classe média a derrubar o governo Dilma e minando a própria base do PT que foi traída. Além disso, só aprofundou a crise econômica no país.

5) Alianças dúbias

O argumento que as Jornadas resultaram na onda conservadora e o impeachment de Dilma também negligencia as consequências das alianças ruins do PT com partidos do centro e de direita que comprometeram suas políticas econômicas, mas também as contra a opressão e avançaram políticas conservadoras nas áreas de segurança pública e de policiamento. Em nome do “governabilidade”, o PT, em todos os níveis do governo, fez alianças com políticos da direita para garantir apoio no Congresso Nacional e nas assembleias estaduais e governos municipais. Além de constranger sua própria base, os governos do PT acabaram minando suas próprias políticas em várias áreas associadas à luta contra opressão (Saad-Filho 2016; Willis 2015) até deixando um aberto oponente

de direito humanos, o deputado Marco Feliciano, presidir a Comissão de Direitos Humanos do Congresso Nacional. Também há a questão dos governos federais fazerem nada contra o monopólio da mídia corporativa, as políticas de encarceramento do PT que encheram as prisões do país e a aprovação da lei de terrorismo do governo Dilma. Essas políticas acabaram dando legitimidade e alimentando a onda conservadora enquanto os ex-aliados rapidamente racharam com o PT, votando em massa pelo impeachment e/ou comendo e apoiando o governo Temer.

6) A questão de *timing*

Mesmo por pouco, a Dilma *ganhou* as eleições em 2014. Não há dúvida que o MBL e Vem pra Rua (ambos criados em 2014) e Revoltados Online (criado em 2010) aproveitaram da fraqueza do governo Dilma para organizar para derrubá-la. Também não existe dúvida que esses grupos adotaram a tática de manifestações em massa das Jornadas de Junho (financiados, ajudados e divulgados pelos partidos políticos da direita tradicionais e a mídia corporativa). Porém, entre as Jornadas de Junho e esses grupos posteriores, houve composição social radicalmente distinta, bandeiras reivindicatórias radicalmente distintas e organizações de cunho político-ideológico opostas (Truffi 2015; Hoeveler e Demier, 2016).

Conclusões

O argumento que as Jornadas de Junho resultaram no impeachment de Dilma e os retrocessos do governo Temer é equivocado porque simplesmente ignora e/ou desprezam muitos fatores importantes para explicar o período. Nessa comunicação tentei mostrar que o modelo de políticas esquerdistas do PT é baseado numa noção de reformismo de cima, portanto, desconfia em qualquer movimento social que o critica. Visei demonstrar que o modelo de desenvolvimento econômico se esgotou durante o primeiro governo Dilma, frustrando as expectativas da população. Argumentei que as alianças espúrias do PT com a direita e sua adoção acelerada de políticas neoliberais alimentaram a onda conservadora que resultou no impeachment da Presidente e os ataques do governo Temer. E finalmente mostrei que a própria sequência de eventos relacionados com a onda conservadora no país não pode ser ligada com as Jornadas de Junho.

Bibliografia

- ABRAJI (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo)
2013 “ABRAJI revela que foram intencionais 70 das 113 agressões a jornalistas nas manifestações de 2013.” http://www.abraji.org.br/?id=90&id_noticia=2687
- Agência Brasil
2013 “Dilma: manifestações têm de ser respeitadas.” *Uol Band Notícias*. <http://noticias.band.uol.com.br/cidades/noticia/?id=100000613432&t=#foto1>
- Almeida, Wilson
2014 *ProUni e o ensino superior privado lucrativo em São Paulo: Uma análise sociológica*. São Paulo: Musa/FAPESP.
- Alonso, Angela
2009 “As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate.” *Lua Nova* 76: 49–86.
- Amorim, Paulo Henrique
2013 “Globo derruba a grade. É o Golpe!” *Conversa Afiado* (blog), June 20. <http://www.conversaafiada.com.br/brasil/2013/06/20/globo-derruba-a-grade-e-o-golpe>
- Antunes, Ricardo and Graça Druck
2014 “A epidemia da terceirização,” pp. 13–24 in Ricardo Antunes (ed.), *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil III*. São Paulo: Boitempo.
- Auditória Cidadã da Dívida
2014 “É por direitos! Auditoria da dívida já!” <http://bit.ly/1kRsJ2e>
- Barker, Colin, Laurence Cox, John Krinsky, and Alf Gunvald Nilsen
2013 “Marxism and social movements: an introduction,” pp. 1–40 in Colin Barker, Laurence Cox, John Krinsky, and Alf Gunvald Nilsen (eds.), *Marxism and Social Movements*. Leiden: Brill.
- Barros, Maria Luisa
2014 “Após greve, garis retornam ao trabalho com gostinho de vitória.” *O Dia*, March 11.
- Bergamo, Mônica
2013 “Em dois.” *Folha de São Paulo*, June 19.
- Boito Jr., Armando
2012 “Governos Lula: a nova burguesia nacional no poder,” pp. 67–104 in Armando Boito Jr. and Andréia Galvão (eds.), *Política e classes sociais no Brasil dos anos 2000*. São Paulo: Alameda.
- Boulos, Guilherme
2014 *Por que ocupamos? Uma introdução à luta dos sem-teto*. São Paulo: Scortecci.
- Braga, Ruy
2012 *A política do precariado: Do populismo à hegemonia lulista*. São Paulo: Boitempo.
2013 “Sob a sombra do precariado,” pp. 79–82 in E. Maricato (ed.), *Cidades rebeldes*. São Paulo: Boitempo.
2014a “Precariado e sindicalismo no Sul global.” *Outubro* 22 (2): 35–61.
2014b “Cenedic: uma sociologia à altura de Junho.” *Blog do Boitempo*, May 26. <http://blogdaboitempo.com.br/2014/05/26/cenedic-uma-sociologia-a-altura-de-junho/>
2015 *A pulsão plebeia: Trabalho, precariedade e rebeliões sociais*. São Paulo: Alameda.

2016 “Da política do precariado à crise do lulismo: sobre algumas tensões do atual modelo de desenvolvimento,” in Isabel Loureiro and André Singer (eds.), *Desigual e combinado*. São Paulo: Boitempo.

Carvalho, Gilberto

2014 “Houve ‘quase ingratidão,’ diz ministro sobre protestos no país.” *Folha de São Paulo*, 24 de jan.

Cassol, Daniel

2012 “A universidade se universaliza?” *Revista Desafios do Desenvolvimento* (IPEA) no. 74 (October). http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2828:catid=28&Itemid=23

Castelar, Armando (ed.).

2014 *Gargalos e soluções na infraestrutura de transporte*. Rio de Janeiro: FGV.

Castells, Manuel

2013 *Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da Internet*. Rio de Janeiro: Zahar.

Chalk, Jimmy

2013 “Speaking out in São Paulo.” New York Times Videos. <http://www.nytimes.com/video/world/americas/100000002291907/speaking-out-in-sao-paulo.html?action=click&contentCollection=world&module=embedded®ion=caption&pgtype=article>

Chauí, Marilena

2013a “As manifestações de junho de 2013 na cidade de São Paulo.” *Teoria e Debate*, no.113 27 de junho. <http://www.teoriaedebate.org.br/materias/nacional/manifestacoes-de-junho-de-2013-na-cidade-de-sao-paulo?page=full>

2013b “Entrevista.” *Revista Cult*, no.182 (August 20) reproduzido em *O Cafezinho*. <http://www.ocafezinho.com/2013/08/28/chau-fala-sobre-manifestacoes/>

Cocco, Giuseppe

2013 “O levante de junho: uma potentíssima bifurcação dentro da qual ainda estamos, entrevista especial com Giuseppe Cocco.” *Instituto Humanitatis Unisinos*. <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/526455-entrevista-especial-com-giuseppe-cocco>

Coggiola, Osvaldo

2008 “Fome, capitalismo, e programas sociais compensatórios: histórico e análise comparada da experiência brasileira.” MS. <http://d.yimg.com/kq/groups/1163516/1890314512/name/OC+PBF.pdf>

Comitê Popular da Copa

2014 <http://comitepopularcopapoa2014.blogspot.com.br/>

Coutinho, Diogo R.

2013 “Decentralization and coordination in social law and policy: the *Bolsa Família* program,” pp. 303–344 in David M. Trubek (eds.), *Law and the New Developmental State*. Cambridge: Cambridge University Press.

Cury, Anay

2014 “Lucro somado de 4 bancos brasileiros é maior que o PIB de 83 países.” *O Globo*, 13 de fevereiro.

Da Silva, Luiz Inácio

2013 “The message of Brazil’s youth.” *New York Times*, July 17.

2017 “Lula diz que foi precipitado considerar atos de 2013 democráticos”. *Folha de São Paulo*, 11 de agosto. <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/08/1909354-lula-diz-que-foi-precipitado-considerar-atos-de-2013-democraticos.shtml>

2018 Entrevista com Lula. *Folha de São Paulo*, 1 de março.

Dana, Samy and Leonardo Siqueira

2013 “Análise: a tarifa de ônibus por aqui está entre as mais caras do mundo.” *Folha de São Paulo*, 17 de junho.

Datafolha

2013 “Cresce apoio a protestos contra a tarifa de ônibus entre paulistanos.” <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2013/06/1297619-cresce-apoio-a-protestos-contr-a-tarifade-onibus-entre-paulistanos.shtml>

DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos)

2015a “Balanço das negociações dos reajustes salariais de 2014.” *Estudos e Pesquisas*, no. 75 (March), 1–32.

2015b “Balanço das greves em 2013.” *Estudos e Pesquisas*, no. 79 (December), 1–44.

Economist

2013 “The digital demo.” June 29.

Farber, Sam

2014 “Reflections on ‘prefigurative politics.’” *International Socialist Review*, no. 92. <http://isreview.org/issue/92/reflections-prefigurative-politics>

Fattorelli, Maria Lucia

2012 *Caderno de estudos: A dívida pública em debate*. Brasília: Editora Inove.

Fernandes, Neusa

2009 “A revolta do vintém.” Paper presented at the Twenty-fifth National History Symposium, ANPUH, Fortaleza.

Fuser, Igor. Postagem no Facebook, 22 de abril de 2018.

<https://www.facebook.com/igor.fuser.9/posts/10214987597939291>

Gaffney, Christopher

2014 “Global parties, galactic hangovers: Brazil’s mega-event dystopia.” *Los Angeles Review of Books*, October 30.

Galvão, Andréia

2009 “A reconfiguração do movimento sindical no governo Lula.” *Outubro* 18 (1): 177–200.

2014 “The Brazilian labour movement under PT governments.” *Latin American Perspectives* 41 (5): 184–199.

Gohn, Maria da Glória

2014 “A produção sobre movimentos sociais no Brasil no contexto da América Latina.” *Política e Sociedade* 13 (28): 79–103.

Gragnotati, Michele, Magnus Lindelow, and Bernard Couttolenc

2013 *Twenty Years of Health System Reform in Brazil: An Assessment of the Sistema Único de Saúde*. Washington, DC: World Bank.

Green, Marcus E.

2015 “Gramsci and subaltern struggles today: spontaneity, political organization, and Occupy Wall Street,” pp. 156–178 in Mark McNally (ed.), *Antonio Gramsci*. New York: Palgrave.

Hardt, Michael and Antonio Negri

2012 *Declaration*. New York: Argo-Navis.

Haddad, Fernando.

2017 “Vivi na Pele o Que Aprendi nos Livros”. *Piauí*, n.129, Junho de 2017.

<http://piaui.folha.uol.com.br/materia/vivi-na-pele-o-que-aprendi-nos-livros/>

Hetland, Gabriel and Jeff Goodwin

2013 “The strange disappearance of capitalism from social movement studies,” pp. 83–102 in Colin Barker, Laurence Cox, John Krinsky, and Alf Gunvald Nilson (eds.), *Marxism and Social Movements*. Leiden: Brill.

Hoeveler, Rejane and Felipe Demier (eds.).

2016 *A onda conservadora: Ensaio sobre os atuais tempos sombrios no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad.

Horch, Dan

2015 “In good times or bad, Brazil banks profit.” *New York Times*, August 13.

IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística)

2013 “72% dos internautas estão de acordo com as manifestações públicas.” June 18. <http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/72-dos-internautas-estao-de-acordo-com-asmanifestacoes-publicas.aspx> (accessed May 22, 2016).

2013. “Veja pesquisa completa do Ibope sobre os manifestantes”. *O Globo*. 21 de junho. <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/veja-integra-da-pesquisa-do-ibope-sobre-os-manifestantes.html>

iG São Paulo

2013 “Popularidade de Dilma bate novo recorde e atinge 79%, diz IBOPE.”

<http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2013-03-19/popularidade-de-dilma-bate-novo-recorde-e-sobe-para-79-dizibope.html>

Intervozes

2014 *Vozes silenciadas, mídia e protestos: a cobertura das manifestações de junho de 2013 nos jornais O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e O Globo*. São Paulo: Intervozes.

IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada)

2013 “Tarifa de ônibus subiu 67 pontos percentuais acima da inflação.” 4 de julho. http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=18865

Judensnaider, Elena, Luciana Lima, Marcelo Pomar, and Pablo Ortellado

2013 *Vinte centavos: A luta contra o aumento*. São Paulo: Veneta.

Knust, Zé

2013 “Efeito Datena: a grande mídia e as manifestações pelo passe livre.” *Capitalismo em Desencanto* (blog). <https://capitalismoemdesencanto.wordpress.com/2013/06/17/efeitodatena-a-grande-midia-e-as-manifestacoes-pelo-passe-livre/>

Levy, Charmain

2010 “Brazilian popular movements: the 1997 mobilization of the inner-city slum movement in São Paulo.” *Studies in Political Economy* 85 (2): 35–68.

Lucas, Legume

2015 “O Movimento Passe Livre acabou?” *Passa Palavra*, August 4. <http://www.passapalavra.info/2015/08/105592>

McNally, David

2013 “‘Unity of the diverse’: working-class formations and popular uprisings from Cochabamba to Cairo,” pp. 401–424 in Colin Barker, Laurence Cox, John Krinsky, and Alf Gunvald Nilsen (eds.), *Marxism and Social Movements*. Leiden: Brill.

Manolo

2003–2011 “Teses sobre a revolta do Buzu.” *Passa Palavra*. <http://passapalavra.info/2011/09/46384>

March, Claudia

2012 “A empresa brasileira de serviços hospitalares, universidades públicas e autonomia: ampliação da subordinação à lógica do capital.” *Universidade e Sociedade* 21 (Jan.): 62–70.

Mattos, Marcel Badaró

2015 “New and old forms of social movements: a discussion from Brazil.” *Critique* 43: 485–499.

Ministério da Educação

2013 *Censo da Educação Superior 2013*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

Mische, Ann

2013 “‘Come to the streets, but without parties’: the challenges of the new Brazilian protests.” *Mobilizing Ideas*, September 4. <https://mobilizingideas.wordpress.com/2013/09/04/come-to-the-streets-but-without-parties-the-challenges-of-the-new-brazilian-protests/>

Morais, Lecio and Alfredo Saad-Filho

2005 “Lula and the continuity of neoliberalism in Brazil: strategic choice, economic imperative or political schizophrenia?” *Historical Materialism* 13 (1): 3–32.

Nobre, Marcos

2013a *Imobilismo em movimento: Da abertura democrática ao governo Dilma*. São Paulo: Companhia das Letras.

2013b *Choque de democracia: Razões de revolta*. São Paulo: Companhia das Letras. Observatório das Metrôpoles

2013 *Evolução da frota de automóveis e motos no Brasil 2011–2012 (Relatório 2013)*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia.

Ortellado, Pablo

2013 “Os protestos de junho entre o processo e o resultado,” pp. 226–238 in Elena Judensnaider, Luciana Lima, Marcelo Pomar, and Pablo Ortellado (eds.), *Vinte centavos: A luta contra o aumento*. São Paulo: Veneta.

Passa Palavra

2015 “Mundo.” <http://www.passapalavra.info/category/mundo>

Pinheiro, Daniela

2013 “O comissário: rui Falcão e a missão de comandar o PT depois das revoltas de junho e do desgaste de Dilma.” *Piauí*, no. 83 (Ago.) <http://piaui.folha.uol.com.br/edicao/83/>

Pinzani, Alessandro and Walquíria Leão Rego

2013 *Vozes do Bolsa Família: Autonomia, dinheiro e cidadania*. São Paulo: Editora UNESP.

Pochmann, Marcio

2012 *Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide salarial brasileira*. São Paulo: Boitempo.

2014 *O mito da grande classe média: Capitalismo e estrutura social*. São Paulo: Boitempo.

Pomar, Marcelo

2013 “Introdução: não foi um raio em céu azul,” pp. 8–21 in Elena Judensnaider, Luciana Lima, Marcelo Pomar, and Pablo Ortellado (eds.), *Vinte centavos: A luta contra o aumento*. São Paulo: Veneta.

Prata, Antonio

2013 “Polícia criou ‘metamanifestação’ com violência.” *Folha de São Paulo*, 17 de junho.

Purdy, Sean

2017a Brazil’s June Days of 2013: Mass Protest, Class, and the Left. *Latin American Perspectives*. Prépublicado. DOI: 10.1177/0094582X17699905

2017b “Lessons Learned”. *Jacobin Magazine*. 19 de maio.

<https://www.jacobinmag.com/2017/05/lessons-earned>

2015 “Rousseff and the right.” *Jacobin*, October 5. <https://www.jacobinmag.com/2015/10/dilma-rousseff-impeachment-pt-petrobras-brazil/> (accessed on May 22, 2016).

Redação RBA

2015 “Para centrais, em vez de mexer em direitos, governo deveria cuidar da rotatividade.” *Rede Brasil Atual*. <http://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/2015/01/para-centrais-emvez-de-mexer-em-direitos-governo-deveria-cuidar-da-rotatividade-9384.html> (accessed May 22, 2015).

Rolnik, Raquel

2014 *Guerra dos lugares: A colonização da terra e da moradia na era de finanças*. Tese de Livre Docência, Universidade de São Paulo.

Romero, Simon and William Neuman

2013 “Sweeping protests in Brazil pull in an array of grievances.” *New York Times*, June 20.

Rugitisky, Fernando

2015 “Do ensaio desenvolvimentista à austeridade: uma leitura Kaleckiana”, *Carta Maior*, 8 de maio.

Saad-Filho, Alfredo

2010 “Neoliberalism, democracy, and development policy in Brazil.” *Development and Society* 39 (1): 1–28.

2013 “Mass protests under ‘left neoliberalism’: Brazil, June-July 2013.” *Critical Sociology* 39: 657–669.

2014 “Two transitions in Brazil: dilemmas of a neoliberal democracy.” *Monthly Review Zine*, January. <http://mrzine.monthlyreview.org/2014/sf140114.html>

2015 “Brazil: the debacle of the PT.” *Monthly Review Zine*, March. <http://mrzine.monthlyreview.org/2015/sf300315.html>

Secco, Lincoln

2011 *História do PT: 1978–2010*. São Paulo: Ateliê Editorial.

Silveira, Sérgio Amadeu, Sérgio Braga, and Cláudio Penteadó

- 2014 *Cultura, política e atavos nos redes digitais*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Singer, André
 2012 *Os sentidos de Lulismo: Reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo: Companhia das Letras.
 2013 “Brasil, junho de 2013: classes e ideologias cruzadas.” *Novos Estudos CEBRAP* 97: 23–40.
 2015 “Quatro notas sobre as classes sociais nos dez anos do lulismo.” *Psicologia USP* 26 (1): 7–14.
 2016 “A (falta de) base política para o ensaio desenvolvimentista”. In: André Singer and Isabel Loureiro. *As contradições do lulismo: a que ponto chegamos?* São Paulo: Boitempo, 2016.
- Soares, Sergio
 2012 “Bolsa Família: a summary of its impacts.” International Policy Centre for Inclusive Growth One Pager, no.137 (February). <http://www.ipc-undp.org/pub/IPCOnePager137.pdf>
- Solano, Esther, B. P. Manso, and W. Novaes
 2014 *Mascarados: A verdadeira história dos adeptos da tática Black Bloc*. São Paulo: Geração Editorial.
- Souza, Jessé
 2010 *Os batalhadores brasileiros: Nova classe média ou nova classe trabalhadora?* Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Souza, Pedro H. G. Ferreira de
 2012 “Poverty, inequality, and social policies in Brazil, 1995–2009.” UNDP International Poverty Centre Working Paper 87. <http://www.ipc-undp.org/pub/IPCWorkingPaper87.pdf>
- Tarifazero
 2013a “Carta aberta do Movimento Passe Livre São Paulo à presidenta.” <http://tarifazero.org/2013/06/24/carta-aberta-do-movimento-passe-livre-sao-paulo-a-presidenta/>
 2013b “Movimento Passe Livre.” <http://tarifazero.org/mpl/>
- TRUFFI, Renan.
 2015 “Quem são os manifestantes de 16 de agosto?”, Carta Capital, 18 de agosto de 2015, <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/quem-sao-os-manifestantes-de-16-de-agosto-9588.htm>
- UOL (Universo Online)
 2013 “Onda de protestos paralisa o país.” <http://noticias.terra.com.br/brasil/protesto-tarifa/>
- Vianna, Luiz Werneck
 2013 “A busca por reconhecimento e participação política: o combustível das manifestações.” *Cadernos IHU Ideias*, no. 191.
- Vinicius, L.
 2004 *Guerra da tarifa*. São Paulo: Faísca.
 2005 *Guerra da tarifa 2005*. São Paulo: Faísca.
- Watts, Jonathan
 2013 “Brazil protests erupt over public services and World Cup costs.” *Guardian*, June 18.
- Willis, Graham Denyer
 2015 *The Killing Consensus: Police, Organized Crime, and the Regulation of Life and Death in Urban Brazil*. Berkeley: University of California Press.

World Bank

2015 “GDP growth.” <http://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.KD.ZG>

Zanchetta, Diego

2013 “Vereadores chamam manifestantes de ‘criminosos’ e transformam sessão em ato de repúdio.” *Estado de São Paulo*, 12 de junho.

Zibechi, Raúl

2013 “Autonomy in Brazil: below and behind the June uprising.” *Roarmag.org*. <http://roarmag.org/2013/11/raul-zibechi-brazilian-uprisings/>

2016 “La nueva derecha em Brasil.” *La Jornada*, April 1. <http://www.jornada.unam.mx/2016/04/01/opinion/019a1pol>